

O analista e a clínica de bebês: considerações técnicas sobre um relato clínico

Fernanda Sivaldi Roberti Passalacqua^[1]

Maria Cecília Pereira da Silva^[2]

RESUMO: Este trabalho aborda a importância da intervenção conjunta com pais e filho na clínica voltada para crianças de 0 a 3 anos. A partir de situações clínicas que envolvem, inicialmente, o trabalho com os pais, seguido pelo trabalho com pais e filho, e, por fim, com o próprio filho, destaca-se a relevância da capacidade de continência psíquica da analista em acolher os pais. Ressalta-se também que as ressonâncias contratransferenciais da analista constituem um recurso essencial para a construção de novas redes de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: continência psíquica, manhês, ressonâncias contratransferenciais, atos relacionais, ações interpretativas

1. Psicóloga, psicanalista de bebês, crianças, adolescentes e adultos. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e analista de criança e adolescente pela Associação Internacional de Psicanálise (IPA).

2. Psicanalista. Doutora em psicologia clínica. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e analista de criança e adolescente pela IPA.

A clínica de 0 a 3 tem nos apresentado variações quanto ao manejo técnico, mapeando a necessidade do estabelecimento de um vínculo afetivo com os pais, mesmo antes de conhecer o bebê. Sabemos da importância do entorno no desenvolvimento emocional do bebê; portanto, a clínica de bebês exige um trabalho que considere um campo estendido, sem privilegiar apenas o atendimento analítico da criança. Observar as características das fantasias parentais contribui para a observação das configurações da relação pai-mãe-bebê, como sinalizadores do desenvolvimento da formação de identidade e da capacidade para se relacionar com o outro.

Com essas considerações, serão apresentadas a seguir situações clínicas vivenciadas inicialmente com os pais, trazendo cada um, a seu modo, um sofrimento psíquico gerador de perturbações na relação com o filho, desde os primórdios da vida.

Primeiro encontro com os pais

O pai deixou uma mensagem no meu WhatsApp pedindo um horário para receber orientação para o filhinho com 6 meses. Logo que ouvi, pensei em retornar dizendo que eu não tinha horário. Mas em seguida, movida por uma emoção que até aquele momento não me foi possível nomear, decidi telefonar e conversar com ele. A mãe atendeu, disse que ela e o marido gostariam de ir até o meu consultório, porque tinham um bebê e queriam saber como lidar com ele, já que era o primeiro filho. Ofereci um horário, ela achou muito tarde, mas mesmo assim aceitou. Após desligar o telefone, senti um mal-estar que permaneceu ao longo do dia.

No dia marcado, me encontrei com um jovem casal. O pai iniciou a conversa, falando sem parar, às vezes a mãe o atropelava, eu me sentindo como uma “barata tonta”, com tanta falação. Elogiavam insistentemente o bebê, dizendo repetidamente que ele era lindo, esperto, comilão.

A mãe não o amamentou seguindo orientação da sogra, pois ela, a sogra, tinha criado os dois filhos sem o peito e sempre foram muito fortes, e, além disso, ela, a nora, ficaria escrava de horários.

Parecia que nada do que falavam se encaixava. Num dado momento, eu perguntei se eles não aceitariam trazer um dia o bebê, pois eu adoraria conhecê-lo. A mãe colocou alguns impedimentos, tais como o bebê não gostar de sair de casa, ser dorminhoco, preguiçoso. Mesmo assim insisti; o pai, olhando carinhosamente para a mãe, disse: “linda, talvez seja melhor mesmo a gente trazer o baby aqui”. No dia marcado, a mãe deixou uma mensagem cancelando o encontro. Retornei dizendo que não tinha problema, mas expressei meu desalento: “ah, que pena, mas eu gostaria muito de revê-los”.

Foram vários encontros com os pais, sem o bebê, e a cada encontro um deles dava uma desculpa pela ausência do bebê: “na hora de entrar no carro, ele fez cocô”, “estava nanando tão profundamente que não tivemos coragem de tirá-lo do berço”.

Em todos os encontros, minha desconfiança alternava com um incômodo muito intenso, eu sentia algo misterioso no ar, eu precisava ter muita delicadeza para não

ser invasiva, o que certamente poderia provocar um rompimento do vínculo que aos poucos se estabelecia entre nós.

Durante nossas conversas, impressionava-me o fato de os pais dirigirem-se ao filho como “baby”. Foi quando me dei conta de que eu mesma não sabia o nome do filho.

A mãe apresentava-se num entusiasmo maníaco, enquanto o pai parecia que não tinha espaço para se apresentar de outra maneira senão confirmando o estado maníaco da esposa.

Após dois meses, com muita insistência da minha parte, aceitaram trazer o bebê “lindo, esperto, inteligente e muito danado” – palavras de ambos. Durante esses dois meses de espera pelo bebê, eu mantive encontros semanais com os pais, os quais vinham assiduamente.

Primeiro encontro com os pais junto com o bebê (8 meses)

Ao vê-los na sala de espera, levei um susto enorme, pensei: “onde está a mãe?”, ou melhor, “onde está aquela mãe?”.

Encontrei uma mãe muito deprimida, o olhar distante, gestos lentos, carregados de tristeza, cabisbaixa.

O pai entrou na sala de atendimento empurrando o carrinho, fazendo tanto esforço como se estivesse empurrando um enorme peso. Ele olhou-me de um modo que compreendi assim: “você entende agora?”. Eu não tinha ideia do que estaria acontecendo, me debrucei no carrinho e encontrei um bebê muito desvitalizado.

A mãe acomodou-se na minha poltrona, e em poucos minutos parecia cochilar.

Perguntei se eu podia pegar o bebê no colo, o pai respondeu que sim. Coloquei-o em cima do divã, corpinho rígido, a cabeça caiu para a esquerda.

O pai me perguntou se eu achava o bebê lindo, respondi afirmativamente com a cabeça, envolvida por uma forte emoção. Perguntei o nome do bebê, e o pai disse que o nome era Thomas, mas ele e a esposa o chamavam de baby.

O pai sentou-se na cadeira, exausto. Contou que o filho havia recebido o diagnóstico de autismo; segundo o médico, deveriam já procurar “o ABA” (método Análise do Comportamento Aplicada).

A avó paterna contratou uma equipe de enfermeiras que se revezavam 24 horas, juntamente com uma equipe de profissionais (pediatra, neurologista, psicólogo comportamental). Essa equipe visitava o “baby” em casa, mas a experiência para os pais foi como um “nocaute”, pai e mãe sentiram-se extremamente culpados e responsabilizados pelos profissionais: o diagnóstico do filho foi devido à depressão materna e imaturidade dos pais.

A: Eu imagino como vocês estão sofrendo! E como foram corajosos em trazê-lo aqui.

Pai: Minha mãe não sabe, não pode saber!

Cabisbaixo, falou num tom de voz baixo: “ela (a esposa) está fora do ar, assim ela fica quando está perto do baby. Parece que os dois não se entendem, ele também não dá a menor bola pra ela. Na verdade ele não liga pra ninguém, nem pra mim, nem pra nada!”.

Thomas abriu os olhos, aproximei-me dele e logo disse: “olá, Thomas, que menino bonito você é! Eu sou a Fernanda!”.

Ele não demonstrou nenhuma reação, o olhar fixo num ponto da parede; às vezes mexia um dos bracinhos, desordenadamente alternando com uma das perninhas.

Eu peguei o pezinho do Thomas e disse: “que pezinho fofinho, que lindo!”.

Ao soltá-lo, o pé desabava. Novamente eu segurava o pezinho: “mas que pezinho mais bonito, e estes dedinhos!”.

Conversava com ele o tempo todo; às vezes o pai fazia alguma pergunta, observando-me atentamente. Ao segurá-lo no colo, mantinha o corpo ereto e rígido, enquanto a cabecinha tombava para um dos lados. Passeava com ele pela sala, ora narrando a situação, ora brincando com ele.

Pude observar um avanço na interação entre Thomas e eu. Por exemplo, quando eu me inclinava para ele deitada no chão ao seu lado, ele tentava girar o corpinho, mesmo sem sucesso. Minha atitude era sempre de narrar o que acontecia: “ah, o Thomas quer virar, quer ver a Fernanda, né! A Fernanda vai ajudar!”.

Ficou claro para mim que havia um vínculo muito frágil entre os três. Compreendi também que, talvez estabelecendo um vínculo mais fortalecido com os pais, nós poderíamos juntos ajudar o “baby” a vir a existir como Thomas.

Sempre no final das sessões, o pai acordava a mãe, ela levantava-se e ia embora deixando Thomas para trás com o pai. Antes de se aproximar do carrinho, o pai respirava fundo, cobria o rosto do bebê com uma fralda, saindo em seguida.

Ofereci encontros semanais para os pais junto ao bebê. A mãe repetia o mesmo movimento, acomodava-se na poltrona e dormia. Comecei então a acordar a mãe para o seu bebê, sem sucesso. Passei a me ocupar mais com o bebê, usando o “manhês” para entrar em contato com ele. O pai chegou a me dizer que se arrependia de ter tido o filho.

Aos poucos, a mãe, em movimentos-relâmpago, erguia a cabeça da poltrona e dizia: “não me sinto mãe dele”. Outras vezes: “todos os bebês são assim?”. Em seguida: “não consigo ficar perto dele, sinto sono”. “Podemos vir mais vezes aqui?”

Aumentei o número de encontros para três por semana.

Thomas mantinha-se inacessível, mas mesmo assim algo dentro de mim me dizia para insistir. Eu me surpreendia com como eu me referia internamente a ele: para mim, ele era o bebê Thomas! Acredito que esse fato acendeu a esperança em mim.

Acomodei-o num “ninho” (que já tinha disponível no consultório), outras vezes acomodava-o no chão sobre um tapete de bebês, disponibilizando alguns brinquedos.

Ele não conseguia se sentar, tombava para um dos lados, o olhar distante. Thomas mostrou um leve e fugidio interesse por um patinho de borracha que emitia um som engraçado. Passei a dramatizar usando esse patinho: “*quac quac*, cadê o Thomas? Este patinho está muito perdido, tão lindo este patinho, *quac quac*”.

Cada vez que eu emitia o som “*quac quac*”, Thomas mexia levemente a cabecinha. Lembrei-me de outra recomendação da avó: ninguém deveria conversar com o “baby” para não agitá-lo.

Foram meses assim, a cada encontro eu inseria um novo bichinho, dramatizando em voz alta. Por exemplo: “olha, o patinho *quac quac* tem uma mamãe *quac quac*! Oi, patinho bebê, sou sua mamãe!”.

Quando iniciei a dramatização, a mãe de vez em quando abria um dos olhos, olhando-me surpresa, como se perguntasse: “o que ela está fazendo?”. O pai acompanhava todos os meus movimentos, algumas vezes chorava, perguntando-me se um dia ele ia se sentir pai, outras vezes se irritava, dizendo que eu não iria conseguir nada ali, que talvez sua mãe estivesse certa, deveriam entregá-lo a uma enfermeira que tinha aceitado a proposta de cuidar dele na casa dela.

Lentamente essa mãe foi “acordando”, em conformidade com os novos movimentos que Thomas experimentava.

Nas sessões seguintes, usando os bichinhos usuais, tínhamos já o patinho bebê, a mamãe, o papai e a amiguinha patinha. Convidei sutilmente os pais para participar, convite que foi aceito por ambos. Passei a fazer assim: “olá, bebê Thomas! Olha, o Thomas tem uma mamãe, diz ‘oi, mamãe’. Olha, Thomas, você também tem um papai, diz ‘oi, papai!’”.

Sessão com Thomas (1 ano) e os pais

A mãe já conseguia segurar Thomas no colo, mas sem apertá-lo sobre o seu corpo. Afirmava que tinha medo de o bebê ficar mal-acostumado. Colocou-o no chão perto dos brinquedos, Thomas engatinhou com dificuldade até o canto da sala e lá permaneceu.

A: (Fui atrás dele) Oi, Thomas, que bom que você veio! (Me coloquei ao seu lado, chamando os pais para junto de nós.)

Pai: Ele sempre faz isto, ele evita ficar perto da gente, também nem ligo, assim não me enche o saco.

Fez um movimento de pegar o celular, e eu disse: “sabe, pai, os filhos dão trabalho mesmo, às vezes é tão difícil de entendê-los, né! Mas olha como o Thomas é fofo, você viu como ele olha a bola?”.

Pai: Quando eu era garoto eu adorava futebol, mas meu pai não deixava eu jogar porque tinha medo de eu não virar ninguém na vida. Será que o Thomas quer jogar bola?

A: Vamos tentar? Thomas, vamos jogar bola com o papai?

Mãe: Será que um dia ele vai me chamar de mamãe? O neuro^[3] insistiu para a gente dar Ritalina, ele vai chorar menos à noite, mas, estranho, não tive coragem. O choro dele me deixa doida, entra nos meus ouvidos e fica um zumbido na minha cabeça.

Pai: À noite, ele parece um touro bravo.

A: Que beleza, mamãe, você está aguentando o choro do Thomas, e você, papai, está vendo seu Thomas vivo, como um touro bravo.

Thomas parece não perceber a presença dos pais. O pai tentou convencê-lo a jogar bola, mas logo desistiu. O pai jogava a bola na direção do filho, mas Thomas não

olhava a bola e, quando isso acontecia, jogava a bola na direção oposta. Eu engatinhava atrás da bola, jogando na direção do Thomas. Thomas não saía do canto. Eu o chamava, ele me olhava desviando rapidamente o olhar. Comecei a engatinhar pela sala, chamando por ele. “Thomas, cadê o Thomas? Vem, Thomas, estamos aqui!”.

Peguei o patinho, fiz barulho com ele, e Thomas olhou para o pato vindo na sua direção. Eu fui narrando: “oba, Thomas encontrou o patinho! *Quac quac!* Olha, a Fernanda está aqui pertinho do patinho e do Thomas.”

Para a minha surpresa, Thomas segurou o patinho com uma das mãos, oferecendo-me. Tentei conter a emoção, a mãe disse emocionada: “não sei o que está acontecendo comigo, mas virei ‘maria derretida’, às vezes olho pra ele, tenho vontade de chorar”.

Continuei: “*Quac quac*, oi, patinho, oi, Thomas, que gostoso, agora o Thomas não está mais sozinho. Vem, mamãe, vem, papai!”.

A mãe me perguntou surpresa se ela podia se aproximar, olhou para o marido, ambos me olharam, e rapidamente respondi que sim. Thomas jogou o patinho na minha direção, eu devolvi para ele, ele jogou novamente para perto de mim, e aos poucos incluí os pais na brincadeira, jogando o patinho para eles. Infelizmente, esse movimento durou pouco: Thomas refugiou-se no canto da sala e começou a fazer movimentos estereotipados, como movimentar o corpinho e emitir sons desarticulados.

Thomas aos 2 anos de idade

Thomas já conseguia andar, mas com desequilíbrio, às vezes tombando para um lado, outras vezes caindo de bumbum no chão.

Thomas, na sala de espera, estava embaixo de uma das cadeiras, a única desocupada. As outras duas estavam ocupadas pelos pais. Disseram que Thomas tinha dormido muito mal, estavam exaustos. Disseram que preferiam permanecer na sala de espera para descansar. Eu disse que não havia problema, mas, caso decidissem entrar, que ficassem à vontade para fazê-lo.

Thomas mostrava-se inacessível ao meu convite para irmos para a sala de atendimento. Olhei para os pais – a mãe cochilava, o pai saiu para buscar um café.

Fui para debaixo da poltrona ao lado de Thomas: “oi, Thomas, a Fernanda está aqui, bem pertinho de você”. Ele começou a emitir sons desarticulados, eu o acompanhei emitindo sons também. Parecia um lobinho solitário. Enquanto eu o imitava nos sons, ele emitia sons mais altos. E assim fomos seguindo.

Thomas esticou uma das perninhas embaixo da minha poltrona, eu disse: “mas que pezinho mais lindo! Olha este dedinho!” (ele usava uma sandália). Thomas sorriu. Thomas correu para a sala de atendimento, foi para debaixo da mesa, emitindo sons. Fui atrás dele, bem perto da mesa: “*toc, toc, toc!* Oi, Thomas, como você está assustado hoje. Vou ficar aqui, pertinho mas do lado de fora da sua mesa-casinha”.

Thomas fez movimentos estereotipados, cambaleou, e eu busquei o patinho: “*quac quac*, posso entrar Thomas? Não quero ficar aqui fora, sozinho, por favor, posso entrar?”.

Thomas respondeu baixinho: “pô, pô, pô!”.

Eu mexi o patinho de modo a colocá-lo embaixo da mesa, perto dele.

A: Ah, eu também quero entrar, patinho, pede para o Thomas deixar eu entrar?

Thomas faz “*quac quac*”.

A: Oba, vou entrar devagarinho.

Fui para debaixo da mesa, ao lado dele, mas sem encostar nele.

Thomas chorou, um choro que me parecia um lamento. Fiquei muito emocionada.

Thomas encostou um dos pezinhos no meu, eu disse: “que gostoso ficar juntinho!”.

Foi a primeira vez que experimentei minha pele junto à pele dele.

Thomas olhou para mim, pegou o patinho e, com ele, enxugou as lágrimas. Saiu de debaixo da mesa, correu para o canto da sala, começou a fazer movimentos este-reotipados, emitindo sons desarticulados. Aproximei-me dele, ele gritou; eu me afastei um pouco, mas insisti: “ah, ficamos pertinho demais, será que o Thomas se assustou?”.

Thomas atirou o patinho para longe. Eu fui buscá-lo: “ah, patinho, agora você foi para longe de mim, mas não vou te deixar sozinho, eu posso cuidar de você”.

Thomas se aproximou de mim, deitou a cabecinha em uma das minhas pernas, balbuciou: “ela emboia láááá láááá onge” (ela vai embora pra lá longe).

Eu sinto uma emoção muito forte, uma lágrima escapa dos meus olhos: “o Thomas fica triste quando a mamãe fica longe, tem medo da mamãe não voltar mais”.

Ele apertou com uma das mãos a minha perna, emitiu sons, começou a chorar, perguntou do patinho: “dê inho, dê?”.

Eu dei o patinho para ele, ele passou o brinquedo no rostinho, senti como se ele estivesse se distanciando de mim.

A: Fica comigo, Thomas, fica com a Fernanda.

Ele movimentou o corpinho no chão, mantendo a cabeça no meu colo. Fez *flapping*, girou os olhinhos várias vezes seguidas. Rapidamente correu para o canto da sala, eu o acompanhei, e lá permaneci até o final do horário.

Ele se levantou, estendeu o patinho para mim, fechou com força a minha mão e disse: “*quac quac*, cuia dele no seu coinho” (Cuida dele no seu colinho).

Ao chegar na sala de espera, os pais estavam cochilando. Ele olhou para eles, olhou para mim. Fez movimento de ir para debaixo da poltrona, gritando “láááá” e rapidamente eu gritei: “papai, mamãe, olha eu aqui! O Thomas chegou!”.

A mãe abriu os olhos: O Thomas da mamãe?

Thomas respondeu: “Thomas, Thomas, inho. Mamãe?”.

A mãe começou a chorar compulsivamente: “a mamãe sou eu? Ele tá me chamando de mamãe? Lindo, ele falou ‘mamãe!’”.

O casal se abraçou. Thomas permaneceu onde estava, fez bolhas com a saliva.

A mãe olhou para o filho: “filhinho da mamãe”, abraçando-o.

Thomas manteve-se em pé, com o corpo rígido, braços largados.

Eu disse: “Thomas encontrou a mamãe!”.

Ela o pegou no colo, e pela primeira vez o vi encostar a cabeça no ombro da mamãe, embora o olhar estivesse novamente fixado em um ponto qualquer.

★★★

Comentários sobre o material clínico de Fernanda Passalacqua^[4]

Agradeço o material clínico oferecido por Fernanda e apresento aqui minhas conjecturas.

Logo no início do relato de Fernanda, que conjecturas podemos fazer desses primeiros encontros com os pais?

Fernanda ilustra a delicadeza dessa clínica.

Ela diz que, movida por uma emoção inominável, decidiu receber esses pais e, mais à frente, ela diz “minha desconfiança alternava com um incômodo muito intenso, eu sentia algo misterioso no ar”. Tinha medo de um rompimento no vínculo pais-bebê que se iniciava.

Nesses dois trechos ela destaca suas ressonâncias contratransferenciais e a necessidade de continência psíquica do analista para acolher essa família. As ressonâncias contratransferenciais são vistas hoje como um instrumento fundamental do analista, bem analisado.

Nesse momento Fernanda capta a urgência do pedido e a emoção vivida pelos pais na relação com um bebê que não convoca. Descreve as sessões como uma verdadeira observadora de bebês, permitindo que todos nós possamos imaginar os encontros e nos sentir na cena do trabalho desenvolvido.

Primeiro encontro com Thomas

No primeiro encontro Fernanda empatiza com os sentimentos dos pais diante desse bebê hipotônico e fechado em si mesmo. O sofrimento é transbordante.

Quando ela diz que encontrou uma mãe deprimida, cabisbaixa, eu fiquei pensando em como essa mãe deve ter se sentido humilhada diante de seu bebê, que não era perfeito. Fernanda se depara com o “baby”, que ainda não era Thomas.

Nas intervenções pais-bebês, levamos em consideração as ações recíprocas que o bebê e a sua mãe, ou pai, têm um com o outro: os atos relacionais (Prat, 2021). Quando olhamos para a dupla mãe-bebê, observamos os modos de se relacionar da mãe com ou para o seu bebê (alimentá-lo, trocá-lo, brincar), gestos, sons, onomatopeias, jeitos de cantar (prosódias maternas, manhês) e coisas feitas pelo bebê/criança. Olhamos para a interação.

Quando nasce um bebê, como disse anteriormente, precisamos de uma rede de apoio, mas esses pais recebem uma rede de apoio intrusiva que usurpa a função parental. Enquanto essa família está nascendo – como diz o poema, “é sobre meus

sonhos que caminhas” –,^[5] há uma entrada precoce de um terceiro nessa relação familiar: a mãe da mãe, a sogra, e a equipe de terapeutas.

E Fernanda se utiliza da narrativa, do manhês e da convocação ou reclamação, como propõe Anne Alvarez (1994), para se aproximar de Thomas.

Aos poucos Fernanda vai subjetivando esse bebê, ao contrário do que dizia a avó. Auxiliada pelo patinho *quac quac*, também presente em seu nome (Passalacqua), Fernanda vai conversando com Thomas, apresentando a sala e posteriormente dramatizando junto com os pais a família do *quac quac*. Aqui toda a vivacidade e o mundo interno de uma analista sensível se unem a essa família e à sala de análise.

Gostaria de chamar atenção para onomatopeias que vão constituindo as ações interpretativas na clínica de 0 a 3, no trabalho de ampliação das pequenas competências do bebê.

As interpretações onomatopeicas (do grego, significando “criação de palavras”), pequenas palavras, que falam de ansiedades muito primitivas (quebra, rasgamento, queda, explosão, afogamento, desaparecimento...), como uma criação intermediária entre o som e a palavra, apresentam-se na sessão e vão construindo um ambiente continente, que falhou lá no início (Prat, 2021).

Sessão com Thomas com 1 ano

Com ousadia e firmeza, o que constitui um continente verdadeiramente consistente, e não complacente, Fernanda convoca esse pai, ampliando as competências do bebê e despertando nele um olhar para um objeto vivo e interessante. “Vamos jogar bola?” Ela *dá bola* para o bebê e para os pais!!!

Fernanda narcisiza os pais: “olha só, o papai está vendo o Thomas como um touro bravo, e a mamãe aguentando o choro do Thomas”, e assim eles adiam a medicalização do bebê.

Nessa sessão já vemos um bebê que engatinha, um bebê que circula, um bebê mais vivo e interessado. A mãe também já se encanta por ele e já pode se emocionar, se tornando uma “maria derretida”.

Então, Fernanda diz: “oi, Thomas, que gostoso, agora o Thomas não está mais sozinho. Vem mamãe, vem papai, vem brincar com a gente!!!”. Emocionante!

Eu, também emocionada, me lembrei do filme *Frozen* (Buck & Lee, 2013), daquele trecho em que Ana quer brincar com Elza, mas os pais a trancaram no quarto. Ana grita “vem brincar comigo”. Assim como a sogra que impede os pais de conversar com o bebê, parece também que eles estão impedidos de brincar com esse bebê.

Sessão com Thomas aos 2 anos

Nessa sessão Fernanda encena, com toda a delicadeza da técnica da clínica da primeira infância, como se aproximar dessas crianças que estão fechadas em si

5. Ideia presente no poema “Aedh wishes for the cloths of Heaven” (1899), de William Butler Yeats, às vezes atribuída erroneamente a Carlos Drummond de Andrade.

mesmas, às quais o encontro com o ser humano assustou.

Fernanda cuidadosamente se aproxima de Thomas imitando seus sons e pedindo licença para se aproximar dele, escondido embaixo da cadeira e, depois, da mesa, seja por meio do patinho, seja por meio do *toc toc*, e devagarinho se encontram e se tocam.

É muito gostoso ficar juntinho, mas ao mesmo tempo é assustador.

Com turnos de aproximação e distanciamento, há uma dança e um diálogo que acontecem na relação dessa dupla analítica, no aqui e agora da sessão.

Fernanda também nomeia o medo de Thomas, de a mamãe não se conectar com ele, de a mamãe não voltar mais dessa depressão, desse sono profundo que a leva para bem longe dele.

Mas é justamente nessa sessão que Thomas, auxiliado por Fernanda, “acorda” seus pais, a mãe se expressa com as palavras “filhinho da mamãe” e, pela primeira vez, ela se sente nomeada, reconhecida e autorizada nessa função.

Podemos dizer que nessa sessão nascem uma mãe e um menino Thomas.

Nasce uma família!!!

El analista y la clínica infantil: consideraciones técnicas sobre un informe clínico

Resumen: Este trabajo aborda la importancia de la intervención conjunta con los padres y el niño en la clínica infantil de 0 a 3 años. A partir de situaciones clínicas que involucran inicialmente el trabajo con los padres, seguido por el trabajo con los padres y el niño, y finalmente con el propio niño, se destaca la importancia de la capacidad de contención psíquica del analista en la acogida a los padres. También se subraya que las resonancias contratransferenciales del analista son un recurso esencial para la construcción de nuevas redes de sentido.

Palabras clave: contención psíquica, maternés, resonancias contratransferenciales, actos relacionales, acciones interpretativas

The analyst and the infant clinic: technical considerations on a clinical report

Abstract: This work explores the importance of working jointly with parents and their child in infant psychotherapy for children aged 0 to 3 years. Drawing from clinical cases that begin with sessions with the parents, progress to joint parent-child sessions, and culminate in sessions with the child alone, this paper highlights the relevance of the analyst’s capacity for psychic containment in supporting parents. It also underscores that the analyst’s countertransferential resonances act as a crucial resource for constructing new networks of meaning.

Keywords: psychic containment, motherese, countertransferential resonances, relational acts, interpretative actions

Referências

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças com autismo, borderline, carentes e maltratadas* (M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas.
- Buck, C., & Lee, J. (Diretores). (2013). *Frozen* [Filme]. Walt Disney Animation Studios.
- Prat, R. (2021). Ações interpretativas na clínica com crianças. In M. C. P. Silva (Org.), *Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares: pensando a clínica da primeira infância* (Vol. 1, pp. 229-270). Blucher.

Bibliografia consultada

- Almeida, M. M., Marconato, M. M., & Silva, M. C. P. (2004). Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(3), 637-648.
- Laznik-Penot, M. C. (1997). *Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise*. Escuta.
- Silva, M. C. P. (2002). Um self sem berço: relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(3), 541-565.

Fernanda Sivaldi Roberti Passalacqua

Endereço: Avenida Braz Olaia Acosta, 727, sala 101. Ribeirão Preto/SP.
CEP: 14026-040
Tel.: (16) 99106-4343
E-mail: fernandasrpasalacqua@gmail.com

Maria Cecília Pereira da Silva

Endereço: Rua Cristiano Viana, 401/407. São Paulo/SP.
CEP: 05411-000
Tel.: (11) 98182-3897
E-mail: mcpsilv@gmail.com